https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index
ISSN: 2359-1870

TODO NOME DE LUGAR TEM UM POR QUÊ E PARA QUÊ? UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE INVESTIGAÇÃO DE TOPÔNIMOS

¿CADA NOMBRE DE LUGAR TIENE UN POR QUÉ Y PARA QUÉ? UNA EXPERIENCIA PEDAGÓGICA SOBRE LA INVESTIGACIÓN DE LOS TOPÓNIMOS

EVERY PLACE NAME HAS A WHY AND FOR WHAT? A PEDAGOGICAL EXPERIENCE ON INVESTIGATING TOPONYMS

Bruno Lins Quintanilha
Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<brunolquinta@yahoo.com.br>

Resumo
Este artigo busca descrever um projeto de iniciação científica júnior que foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2023, com estudantes do ensino médio do campus Realengo II, do Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto era realizar um levantamento dos topônimos dos logradouros públicos do próprio bairro onde a escola está localizada, averiguando se havia a existência de algum padrão toponímico. Em sua dimensão geográfica e pedagógica, o projeto visava estimular um conhecimento mais profundo e crítico sobre os espaços da cidade, chamando a atenção para os simbolismos e histórias dos lugares que muitas vezes frequentamos, mas ao mesmo tempo ignoramos. E em sua dimensão metodológica, o projeto tinha a intenção de estimular o desenvolvimento da capacidade de organização, categorização, classificação e apresentação de dados. Foi possível concluir que o quadro toponímico do bairro de Realengo é eminentemente militarista, elitista, patriarcal e católico.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Topônimos. Cidade.

Resumen
Este artículo busca describir un proyecto junior de iniciación científica que se desarrolló a lo largo del año académico 2023, con estudiantes de secundaria del campus Realengo II, del Colégio Pedro II, en la ciudad de Rio de Janeiro. El objetivo del proyecto fue realizar un levantamiento de los topónimos de los lugares públicos del barrio donde se ubica el colegio, comprobando si existía algún patrón toponímico. En su dimensión geográfica y pedagógica, el proyecto pretendía estimular un conocimiento más profundo y crítico sobre los espacios de la ciudad, llamando la atención sobre el simbolismo y las historias de los lugares que visitamos con frecuencia, pero al mismo tiempo ignoramos. Y en su dimensión metodológica, el proyecto pretendía estimular el desarrollo de la capacidad de organizar, categorizar, clasificar y presentar datos. Se pudo concluir que la estructura toponímica del barrio Realengo es eminentemente militarista, elitista, patriarcal y católica.

Palabras clave: Enseñando. Geografía. Topónimos. Ciudad.

Abstract
This article seeks to describe a junior scientific initiation project that was developed throughout the 2023 academic year, with high school students from the campus Realengo II, at Colégio Pedro II, in the city of Rio de Janeiro. The objective of the project was to carry out a survey of the toponyms of public places in the neighborhood where the school is located, checking whether there was any toponymic pattern. In its geographical and pedagogical dimension, the project aimed to stimulate a deeper and more critical knowledge about the city's spaces, drawing attention to the symbolism and stories of the places we often visit, but at the same time ignore. And in its methodological dimension, the project was intended to stimulate the development of the ability to organize, categorize, classify and present data. It was possible to conclude that the toponymic structure of the Realengo neighborhood is eminently militaristic, elitist, patriarchal and catholic.

Key words: Teaching. Geography. Toponym. City.

Nomes, significados, Geografia: uma proposta de investigação e ensino

Dar nomes a objetos, plantas, animais e pessoas é uma ação extremamente comum e sem a qual não conseguiríamos nos comunicar e viver enquanto sociedade. O mesmo vale para lugares, desde uma rua, até uma praça, bairro ou cidade. Nomeamos espaços porque precisamos conhecer, nos orientar e deslocar pelos mais diferentes lugares.

Todos precisamos saber em qual rua e bairro moramos, sendo aconselhável também conhecer os nomes de ruas e bairros vizinhos pelos quais circulamos e, idealmente, conhecer o máximo possível de nossas cidades. Entretanto, algo que muitas pessoas deixam passar despercebido é *o que significam* os nomes dos lugares. Se é o nome de uma pessoa, podemos questionar quem foi, qual profissão tinha, onde e quando viveu, que ideias defendia e assim por diante. Podemos também pesquisar quem decidiu dar o nome a um determinado lugar e qual era o seu objetivo com essa escolha. É possível investigar se o local já mudou de nome e, se sim, por que, por quem, para quê. Também é possível perguntar como é, do ponto de vista do poder público, os trâmites para dar ou modificar o nome de um lugar. Dessa forma, os bairros e os nomes de suas ruas, praças, avenidas possuem um enorme potencial de exploração para pesquisas e/ou práticas pedagógicas de ordem geográfica, histórica ou sociológica.

Os lugares e seus nomes estão repletos de histórias, simbolismos, significados, ora explícitos, ora implícitos (Cosgrove, 1998). Por sua vez, a ciência geográfica tem como um de seus objetivos, compreender o espaço geográfico, suas características, dinâmicas, elementos, entender por que o lugar onde vivemos é como é e nos ajudar a pensar e agir para modificá-lo para melhor (Cavalcanti, 2013; Lacoste, 2012). E em sua dimensão escolar, a Geografia busca "ensinar o aluno a visualizar o espaço geográfico sob vários ângulos, escalas e interpretações" (Pissinati; Archela, 2007, p. 179). Helena Calai aponta que: "Mais do que ler e escrever, é importante que o aluno saiba ler e interpretar o mundo. A geografia tem o papel de situar o aluno como parte integrante de uma sociedade, de uma história e de um espaço construído pela vida dos homens (Calai, 2018, p. 24).

Sendo assim, este artigo busca descrever um projeto de iniciação científica júnior que foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2023, com três estudantes do 3º ano do ensino médio do campus Realengo II, do Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro.

O objetivo do projeto era realizar um levantamento dos topônimos[1] dos logradouros públicos de algum bairro na zona oeste[2] da cidade do Rio de Janeiro, averiguando se havia a existência de algum padrão toponímico. Em sua dimensão geográfica e pedagógica, o projeto visava estimular um conhecimento mais profundo e crítico sobre os espaços da cidade, chamando a atenção para os simbolismos e histórias dos lugares que muitas vezes

[1] *Topônimo* é o termo que utilizamos para nos referir ao nome atribuído pelo ser humano a determinados lugares (Menezes; Fernandes, 2013).
[2] Região onde está localizado o campus que o autor e as estudantes frequentam.

frequentamos, mas ao mesmo tempo ignoramos. E em sua dimensão metodológica, o projeto tinha a intenção de estimular o desenvolvimento da capacidade de organização, categorização, classificação e apresentação de dados.

Justifica essa prática simultaneamente pedagógica e acadêmica no espaço escolar o fato de que: “A escola tem a função de 'trazer' o cotidiano para seu interior com o intuito de fazer uma reflexão sobre ele por meio de uma confrontação com o conhecimento científico. Assim, deve estar estreitamente ligada ao cotidiano (Cavalcanti, 2013, p. 129).

Ou seja, a escola precisa se apropriar dos espaços e dos elementos do cotidiano dos estudantes. Dessa forma, estudar e pesquisar os nomes dos logradouros públicos do bairro onde moram ou da escola onde estudam, buscando entender se há algum padrão neles, qual sua história, seus simbolismos implícitos ou que mensagem passam, é aproveitar-se da geografia do dia a dia, buscando estimular um maior conhecimento da escala local e um novo olhar sobre o espaço que frequentam.

Passo a passo do processo investigativo-pedagógico

O processo investigativo-pedagógico foi dividido em duas fases: uma teórica-preparatória e a outra prática.

Na primeira fase, foram efetuadas as seguintes atividades para preparar as estudantes:

1. Uma aula sobre “conhecimento, filosofia, ciência e construção de projetos científicos” foi ministrada pelo professor orientador do projeto;
2. Orientação para que as estudantes assistissem dois audiovisuais disponíveis gratuitamente no Youtube: o episódio *Correios*, da série *Cidade dos Homens*; e o documentário *Guerras sem fim?*, da série *Lutas.doc*. Ambas as produções, de formas diferentes, retratam e problematizam a questão dos topônimos em sua dimensão política e social.
3. Realização de reunião para a escolha, de forma consensual, do bairro a ser investigado e dos procedimentos metodológicos para efetuar o levantamento e sistematização dos topônimos do recorte espacial selecionado. Todas as estudantes optaram por investigar o próprio bairro de Realengo, onde o campus em que estudam está localizado.
4. Nenhum banco de dados oficial da Prefeitura foi encontrado, então foi definido coletivamente o seguinte: seria utilizado o site *https://ruas-brasil.openalfa.com/*realengo para colher os nomes de logradouros públicos. Além disso, o *google maps* seria utilizado para efetuar a conferência da real existência desses logradouros.
5. As estudantes dividiram o território do bairro entre si e iniciaram a fase de levantamento de dados.

Na segunda fase, de teor prático, as seguintes ações ocorreram:

1. Conforme os dados iam sendo levantados e organizados, as estudantes foram

orientadas a criar algumas categorias que pudessem abarcar, de forma sistemática, todos os nomes de logradouros existentes no recorte trabalhado. Sendo assim, 5 grandes categorias foram criadas para a organização dos dados: a primeira é referente a *nomes de pessoas*; a segunda é referente a *elementos da natureza*; a terceira englobaria nomes referentes a *lugares no Brasil ou no exterior*; a quarta abrange nomes referentes a *elementos religiosos*. O que não se encaixava em nenhuma dessas categorias foi classificado como *outros*.

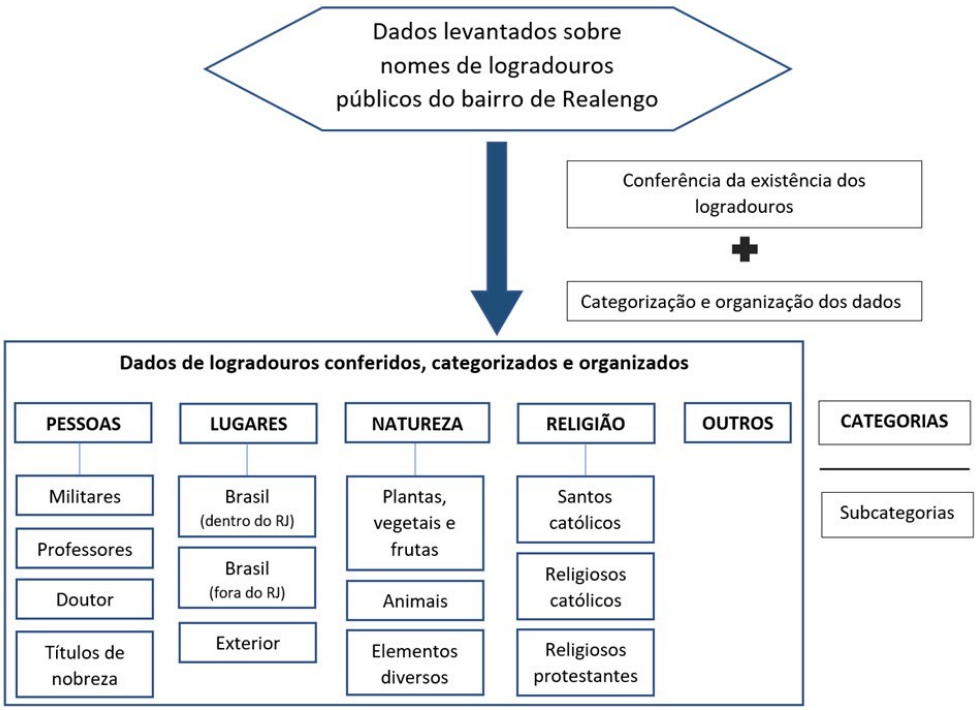
2. Durante o processo, identificou-se a necessidade de criação de algumas subcategorias. Por exemplo, listando os nomes de logradouros públicos que se referiam a *pessoas*, notou-se que havia vários nomes que continham patentes militares, alguns que continham o título de professor, e assim por diante com outras profissões. Foram criadas subcategorias em cada uma das grandes categorias – que serão explicitadas a seguir.

3. Inserção dos nomes de logradouros públicos em planilhas digitais utilizando as categorias e subcategorias criadas até que o levantamento do bairro fosse completado.

4. Finalização e revisão completa do docente acerca de todos os dados levantados, sua organização, sistematização e confecção dos esquemas e resumos gráficos.

A imagem abaixo resume, graficamente, os procedimentos adotados na parte prática do processo investigativo-pedagógico.

Figura 1 - Procedimentos para execução da parte prática da pesquisa



Fonte: Elaboração do autor (2025).

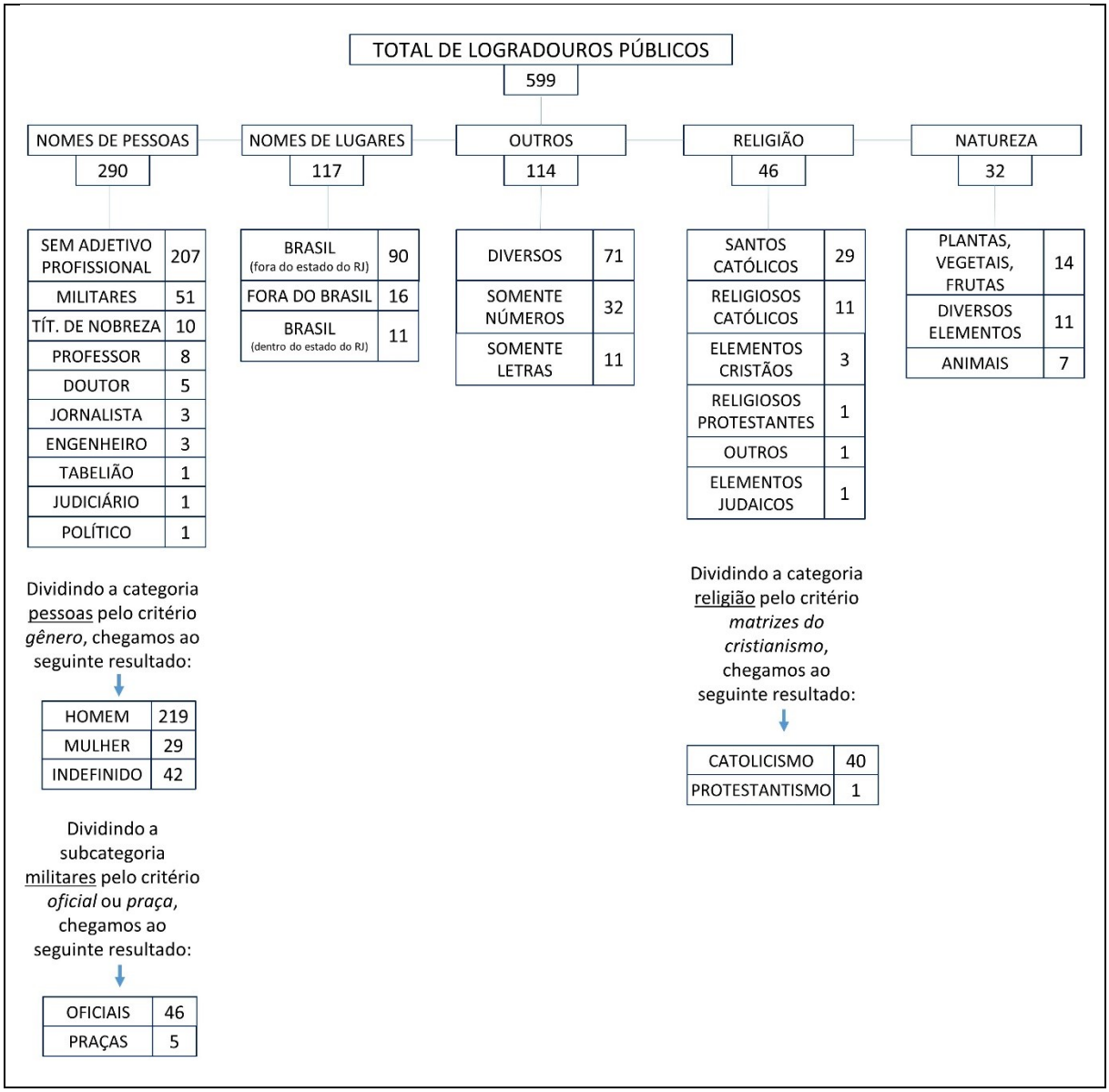
Dessa forma, o projeto se desdobrou a partir de reuniões quase sempre semanais com duração média de 1 hora, onde o professor orientador verificava o andamento da pesquisa, fazia apontamentos, sugestões, correções e delegava novas atividades para as semanas

seguintes.

Resultados, reflexões e possibilidades

Após a finalização do levantamento e organização dos dados em planilhas, houve a construção de um esquema gráfico que servisse como um resumo do quadro toponímico do bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, onde está localizado o campus do Colégio Pedro II em que o projeto foi desenvolvido.

Figura 2 - Síntese gráfica dos topônimos de logradouros públicos do bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração do autor (2025).

Foram situadas horizontalmente, em ordem crescente, da esquerda para a direita, as

categorias onde mais nomes de logradouros públicos se encaixaram. E verticalmente estão algumas subcategorias, em ordem decrescente, de cima para baixo, onde foi possível estabelecer algumas divisões, conforme o próprio esquema mostra. A partir desse quadro geral é possível identificar diversas características e questões referentes ao espaço do bairro e sua história, servindo tanto como objeto de informação quanto de reflexão e, mesmo, de suporte para futuras pesquisas e projetos.

Chama muito a atenção o elevado nome de logradouros com referências diretas a militares e suas patentes, o que tem vinculação com a história do bairro e de seu processo de desenvolvimento urbano, muito vinculado ao Exército e com significativa presença de instalações militares (Fernandes, 2006).

> Entre os anos de 1912 e 1944, o bairro de Realengo, localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, sediou a Escola Militar do Realengo, instituição de formação dos oficiais do Exército Brasileiro. Juntamente com a Fábrica de Cartuchos, construída no final do século XIX, a Escola Militar exerceu influência no processo de desenvolvimento e na configuração urbana da região, formando um patrimônio material ligado à memória, não apenas de sua própria história, mas também das origens do bairro, singularizado pelo valor paisagístico e simbólico das antigas construções militares, representativas de diversos estilos arquitetônicos e períodos históricos (Viana, 2010, p. 14).

O dado de que há 51 nomes de militares entre os logradouros do bairro explicita o quanto a história se materializa no espaço por meio dos topônimos. Sendo assim, a observação minuciosa e crítica das paisagens urbanas – habilidade que deve ser estimulada pelo ensino de Geografia – pode ser uma forma de construção de conhecimentos, mudança de percepções ou de ressignificação da própria cidade.

Dividindo a subcategoria *nomes de militares* pelo critério de patente, percebe-se que oficiais de alta graduação são ampla maioria nos nomes de logradouros em detrimento a patentes mais baixas, explicitando a herança histórica elitista que permeia e embasa a sociedade brasileira e suas instituições (Sprandel, 2004).

Outro elemento significativo é que dividindo a categoria *nomes de pessoas* pelo critério gênero, há uma ampla maioria de nomes masculinos em detrimento dos femininos, o que reflete a estrutura machista impregnada na sociedade brasileira e a marginalização que, historicamente, as mulheres sofreram e ainda sofrem em nossa sociedade (Oliveira; Maio, 2016).

Chama também a atenção o fato de haver mais logradouros vinculados a títulos de nobreza do que a professores.

Em relação a categoria *religião*, há absoluta predominância de nomes cristãos e, dentro dessa matriz religiosa, a quase totalidade de nomes vinculados ao catolicismo e apenas um nome relacionado ao protestantismo e outro ao judaísmo, o que é coerente com o passado brasileiro, colonizado por uma Portugal católica durante séculos e que, mesmo após a independência, durante o Império, tinha o catolicismo como religião oficial de Estado, o que

só mudou a partir de 1889 – sem alterar, obviamente, a relevância da religião católica na cultura popular e no território. Para além disso, o Brasil ainda é um país de maioria católica (Azevedo, 2002). Muito embora os evangélicos sejam a religião que mais cresce na atualidade, os católicos ainda não foram ultrapassados em termos quantitativos.

Merece destaque também o fato de que os *nomes de lugares* são a segunda categoria com mais nomes de logradouros, preponderando os nomes relativos a municípios e distritos fora do estado do estado do Rio de Janeiro. Não foi possível encontrar nenhuma lógica explicativa para tal quadro.

A partir dessa curta análise, é possível concluir que o quadro toponímico do bairro de Realengo é eminentemente militarista, elitista, patriarcal e católico, o que não deixa de coincidir e ter coerência com a história brasileira, que é de colonização e exploração portuguesa, com a presença de um longo regime escravocrata, havendo o catolicismo enquanto religião de Estado e com a existência de Forças Armadas com uma longa tradição de intervencionismo político em relação ao Estado e a democracia (Schwarcz, Starling, 2018).

Cabe também apontar que essa atividade é adaptável: pode ser um trabalho em grupo para um bimestre; pode ser um projeto interdisciplinar de uma série durante um semestre; pode ser um seminário que será apresentado ao final do ano; os diferentes contextos e a criatividade dos docentes podem transformá-la para utilização de várias maneiras. Há também, por sua vez, um leque de possibilidades de aprofundamentos para esse tipo de trabalho, como por exemplo, pesquisar as origens (sociais, geográficas, históricas, ideológicas) dos topônimos de logradouros públicos do recorte espacial estudado.

Por fim, cabe apontar que essa experiência investigativa-pedagógica rompe com a lógica de ensino tradicional, de aulas apenas com exposição oral exclusiva do professor, anotações de matéria do quadro, exercícios e uma lógica que faz muitas vezes o estudante associar a Geografia escolar a algo descritivo, mnemônico e enfadonho (Couto, 2015; Mendes, Scabello, 2015; Melo, 2015). Esse tipo de projeto dota o estudante de uma postura ativa, incentivando sua própria autonomia e, junto a isso, ainda permite utilizar os espaços que os próprios alunos frequentam como objeto de estudo, trazendo a Geografia para uma dimensão concreta e prática da vida, podendo vir a estimular ressignificações, novas relações e uma postura diferente em relação aos seus espaços vividos (Quintanilha, 2022; Moraes, Castellar, 2018; Cavalcanti, 1999).

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil:** um campo para a pesquisa social. Salvador: EDUFBA, 2002.

CALLAI, Helena. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografía Norte Grande**, Santiago, Pontifícia Universidad Catolica de Chile, n. 70, p. 9-30, 2018. Disponível em: https://revistanortegrande.uc.cl/index.php/RGNG/article/view/42627/34531. Acesso

em: 14 mar. 2025.

CAVALCANTI, Lana. Propostas curriculares de Geografia no ensino – Algumas referências de análise. **Terra Livre**, São Paulo, v. 14, p. 111-128, 1999.

CAVALCANTI, Lana. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2013.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In:* CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COUTO, Marco Antônio Campos. Ensinar Geografia na escola pública de hoje. *In:* SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de. **Ensino de Geografia:** produção do espaço e processos formativos. Rio de Janeiro: Consequencia, 2015. p. 109-130.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Os militares e o espaço urbano do Rio de Janeiro: um programa de pesquisa em Geografia Urbana e Geopolítica. **Scripta Nova**: Revista de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. X, n. 218 (27), 2006. Disponível em: https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-27.htm. Acesso em: 14 mar. 2025.

LACOSTE, Yves. **A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MELO, Fabio Antônio de. Aulas tediosas, alunos alienados. *In:* PASSINI, Elza Y.; PASSINI; MALYSZ, Sandra T.; PASSINI, Romão (orgs.). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 94-100.

MENDES, Marlene Pereira Barros da Silva; SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro. As metodologias de ensino de Geografia e os problemas de aprendizagem. **Form@re** – Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Teresina, v. 3, n. 2, p. 33-58, 2015. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/4224. Acesso em: 14 mar. 2025.

MENEZES, Paulo Márcio Leal.; FERNANDES, Manoel Couto. **Roteiro de Cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

MORAES, Jerusa Vilhena de; CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrônica de Enseñanza de Las Ciencias**, Vigo, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018. Disponível em: https://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025.

OLIVEIRA, Márcio; MAIO, Eliane Rose. “Você tentou fechar as pernas?” – A cultura machista

impregnada nas práticas sociais. **POLÊM!CA,** Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 01-18, 2016. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/25199. Acesso em: 14. mar 2025.

PISSINATI, Mariza; ARCHELA, Rosely. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia. **Geografia** (Londrina), v. 16, p. 169-195, 2007. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6579. Acesso em: 14 mar. 2025.

QUINTANILHA, Bruno Lins; DEUS, Leandro Andrei Beser de. Mapeamento participativo: uma análise de possibilidades para a educação geográfica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 12, n. 22, p. 05–28, 2022. Disponível em: https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1052. Acesso em: 14 mar. 2025.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. **Brasil**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SPRANDEL, Marcia Anita. **A pobreza no paraíso tropical**: Interpretações e discursos sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

VIANA, Claudius Gomes de Aragão. **História, memória e patrimônio da Escola Militar do Realengo**. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Rio de Janeiro, 2010.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às estudantes Clarissa Fernandes, Lívia Caryne e Sara Cardoso, que participaram do projeto e foram muito importantes para todo esse fazer investigativo-pedagógico-acadêmico.

Recebido em: 10/10/2024
Aprovado em: 08/05/2025